



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

**ALEX MARINHO DOS SANTOS**

**UMA IDOSA NA FAMÍLIA: COMPORTAMENTO SOCIAL E RELAÇÃO  
FAMILIAR EM *FELIZ ANIVERSÁRIO*, DE CLARICE LISPECTOR**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

**ALEX MARINHO DOS SANTOS**

**UMA IDOSA NA FAMÍLIA: COMPORTAMENTO SOCIAL E RELAÇÃO  
FAMILIAR EM *FELIZ ANIVERSÁRIO*, DE CLARICE LISPECTOR**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz.

**CAMPINA GRANDE - PB  
2017**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237i Santos, Alex Marinho do  
Uma idosa na família: comportamentosocial e relação familiar em feliz aniversário Clarice Lispector [manuscrito] / Alex Marinho dos Santos. - 2017.  
39 p.  
Digitado:  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.  
"Orientação: Prof. Dr. Rosângela Maria Soares de Queiroz, Departamento de Letras e artes".

1. Estudo discursivo 2. Família tradicional 3.  
Comportamento social I. Título.

21. ed. CDD 374

**ALEXMARINHO DOS SANTOS**

**UMA IDOSA NA FAMÍLIA: COMPORTAMENTO SOCIAL E RELAÇÃO  
FAMILIAR EM FELIZ ANIVERSÁRIO, DE CLARICE LISPECTOR**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para a conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Letras.

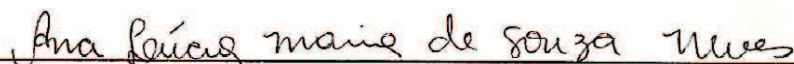
**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Dra. Rosângela Maria Soares de Queiroz  
Orientadora – UEPB/CAMPUS I

9,5



---

Profa. Dra. Ana Lúcia Maria de Souza Neves  
Examinadora – UEPB/CAMPUS I

9,5



---

Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva  
Examinador – UEPB/CAMPUS I

9,5

Aprovado em: 04 de agosto de 2017

**CAMPINA GRANDE – PB  
2017**

Aos meus pais, Neuza e Antônio; à  
minha esposa Suellen; às minhas  
filhas, Alexia e Alícia; e à minha  
orientadora Rosângela Queiroz,  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, que pela sua infinita graça e misericórdia, permitiu que chegasse até aqui, ultrapassando com vitória todos os desertos pelos quais passei. ELE foi o meu guia ao longo desses anos e trouxe para o meu caminho professores, amigos e familiares que sempre me apoiaram.

Agradeço à Universidade Estadual da Paraíba, na qual ingressei no ano de 2002, com o intuito de ingressar na área de educação e seguir carreira acadêmica. Mas, como escutei um dia de uma professora que “a vida é feita de escolhas”, no ano de 2006, já para concluir o curso de Letras, optei pelo concurso público em uma área totalmente distinta. Passados alguns anos, em 2013 fui aceito de volta na UEPB e apenas agora, tive a oportunidade de concluir. Agradeço a minha Professora, a Doutora Rosângela Queiroz, que com muita paciência me orientou de forma dedicada, atenciosa, amorosa, até mesmo de folga, sendo imprescindível para conseguirmos o nosso objetivo. Por fim, agradeço a todos os mestres que ao longo dessa trajetória acadêmica, estiveram sempre disponíveis a ajudar e compartilhar seus conhecimentos conosco.

Agradeço aos meus pais Neuza e Antônio, que hoje descansam nos braços do Criador, pelos anos de trabalho, pelas noites sem dormir, pelo cuidado e apreço que tiveram por mim e por meu irmão, Alan. Agradeço, especialmente, todas as palavras de incentivo e orações da minha amada esposa Suellen, que desde sempre irradiou amor, dedicação e alegria ao longo desses anos, para mim e também para as minhas filhas Alexia e Alcília, são elas, presentes de Deus.

***Envelheço na Cidade***

*Mais um ano que se passa  
Mais um ano sem você  
Já não tenho a mesma idade  
Envelheço na cidade*

*Essa vida é jogo rápido  
Para mim ou pra você  
Mais um ano que se passa  
Eu não sei o que fazer*

*Juventude se abraça  
Faz de tudo pra esquecer  
Um feliz aniversário  
Para mim ou pra você  
[...]*

*Feliz aniversário  
Envelheço na cidade  
Feliz aniversário  
Envelheço na cidade  
(Edgard Scandurra / Banda Ira!)*

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	7
2. Estrutura da família burguesa: as relações familiares.....	8
2.1 O ambiente urbano.....	8
2.2. Comportamentos familiares: o modelo burguês.....	10
3. Clarice Lispector e os Laços de Família.....	13
3.1 Sobre a autora.....	13
3.2 Os Laços de Família.....	13
4. Os <i>deslaços de família</i> no conto Feliz Aniversário.....	17
Considerações finais.....	26
Referências.....	29
ANEXO.....	31



## UMA IDOSA NA FAMÍLIA: COMPORTAMENTO SOCIAL E RELAÇÃO FAMILIAR EM *FELIZ ANIVERSÁRIO*, DE CLARICE LISPECTOR

Alex Marinho dos Santos<sup>1</sup>

### RESUMO

Este estudo busca discutir o papel do idoso nas relações sociais no âmbito familiar, destacando o comportamento da sociedade burguesa tradicional brasileira em relação aos mais velhos. Tomando por base o conto "Feliz Aniversário", de Clarice Lispector ([1960] 1998), observamos o modo pelo qual as relações interpessoais são pautadas: apatia, hipocrisia e falsidade da parte dos membros da família quanto à velha matriarca, cuja comemoração dos oitenta e nove anos de vida constitui o fato narrado. D. Anita, aparentemente apática ao que se passa em sua volta, revela, através de intensa vida interior, o profundo desprezo que vota a filhos e noras, bem como um sistema de valores significativamente conservadores e firmemente arraigado, razão principal da hostilidade que virá à tona como clímax da narrativa. Importante destacar o caráter verossímilhante que a ficção assume, como agudo comentário acerca da posição da mulher no instituto familiar e social, mesmo no que concerne aos dias atuais. A metodologia utilizada para esta análise foi a pesquisa bibliográfica, tendo por base teórica principal as reflexões de FERREIRA (1986), D'INCAO (2004) e DEL PRIORE (2005), dentre outros. Esperamos que esse trabalho venha ajudar outros pesquisadores, abrindo e/ou ampliando os parâmetros de análise sobre o tema.

**Palavras-Chave:** Velhice. Família tradicional. Narrativa Clariceana.

### 1. Introdução

O modelo de família moderna tem passado por diversas transformações estruturais e comportamentais ao longo da história. As relações familiares parecem cada vez mais liberais e a visão de "núcleo" cada vez mais dispersa. O idoso, que seria o exemplo a ser seguido, tornou-se figura periférica e marginalizada no contexto familiar, não só por conta da idade avançada, mas, também, pelo caráter egoísta e imediatista que a sociedade vem assumindo como feição dominante a partir do século XX.

É nesse universo social, capitalista e burguês, que a família de D. Anita está inserida, no conto "Feliz Aniversário", de Clarice Lispector, inserido na coletânea *Laços de família*, lançada em 1960. O que nos motivou a estudar os

---

<sup>1</sup> Aluno do Curso de Licenciatura Plena em Letras da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

comportamentos social e familiar em relação a esta velha senhora, foi que mesmo após décadas da produção desse texto, podemos ver nos padrões modernos as mesmas problemáticas de abandono, esquecimento, desprezo, apatia em relação aos idosos, e mesmo assim, não foi encontrada nenhuma solução para elas. Nosso objetivo é discutir tais questões, salientando as suas motivações e consequências no ambiente familiar.

Clarice Lispector, a autora, propõe uma interpretação por parte do leitor, do consciente individual de D. Anita (linguagem intimista), pois na maior parte do tempo a senhora de oitenta e nove anos permanece calada. Tal atitude remete o leitor a um monólogo interior constante, pois ela não tem com quem interagir. Não apenas o tempo psicológico é importante para o desenrolar da narrativa: o tempo cronológico também desempenha papel fundamental, pois destina-se a acentuar o caráter torturante de sua passagem, tanto para D. Anita como para os parentes convidados, que não veem a hora de encerrar a sua participação naquele evento obrigatório e protocolar.

Este estudo está dividido em três partes: no primeiro momento, falamos da organização e estruturação da família burguesa, o ambiente em que está inserida e a forma como se comporta perante a sociedade; em seguida, apresentamos algumas considerações sobre a vida e obra de Clarice Lispector, bem como, da coletânea de contos, *Laços de Família*; na terceira parte, analisamos o conto “Feliz aniversário”, apresentando os aspectos que envolvem a família de D. Anita e que, semelhantemente, vitimam muitos idosos da família moderna brasileira.

## **2. Estrutura da família burguesa: as relações familiares**

### **2.1 O ambiente urbano**

A sociedade brasileira passou por diversas transformações ao longo do século XIX. Dentre elas, podemos citar como fundamental a estruturação do capitalismo, aumentando, por um lado, as opções de interação social na vida urbana e, por outro, promovendo a separação das classes através da desigualdade na distribuição de bens, serviços e oportunidades. Como

consequência do estabelecimento do capitalismo, a burguesia cresce, e, impulsionada pelo positivismo, pelo progresso da ciência e pelo crescimento da indústria, estabelece uma nova organização da estrutura familiar.

Nesse período, o modelo familiar, caminhando paralelamente ao processo de urbanização do país, previa como desejável uma boa estrutura financeira e afetiva. O Brasil do século XIX era praticamente rural. A população urbana, mesmo diante dos avanços recentes no campo das ciências e da economia, nem de longe alcançava o padrão de vida das elites urbanas da sociedade europeia. A estrutura das cidades também se incluía neste descompasso:

O cronista Luiz Edmundo descreve um Rio de Janeiro do século XVIII totalmente desorganizado, sem muitas regras sobre a ocupação dos espaços: ruas sem planos e usados pela população e moradores das casas sem limites definidos, como se não pertencessem a ninguém, como se os quintais fossem extensões das casas. As ruas eram drenos de toda a água residual, e o cheiro era tão sufocante que um dos ministros do governo português registrou por escrito sua insatisfação diante da situação. O cronista descreve a limpeza por que teve de passar a cidade, que incluiu a demolição de muitos prédios, antes da chegada da corte portuguesa. Comentários dos viajantes do período atestam que, mesmo após essa limpeza, o Rio de Janeiro ainda estava longe de ser o que seria uma verdadeira cidade para os europeus. (D'INCAO, 2004, p. 224).

Pela inexistência de leis que tratassem da conduta das pessoas em relação à limpeza e ao uso das cidades, todas as atividades domésticas – aqui, dizer quais – eram realizadas nas ruas. Com a modernização, as autoridades públicas passaram a restringir essas atividades ao interior das residências. Atividades coletivas como cultos religiosos e saraus ao ar livre passaram a ter lugar unicamente nas periferias. Agora, as ruas da cidade eram locais públicos que deveriam permanecer limpos e desimpedidos. A cidade do Rio de Janeiro, na qualidade de capital, foi pioneira nesse processo modernizador, exigido pelas elites urbanas e pela coroa portuguesa.

A transformação física da cidade modificou, por sua vez, os modos de relacionamento entre as pessoas. O estilo de vida europeizado gerou proibições antes inimagináveis – como derramar na via pública o produto noturno dos urinóis pela manhã – que eram fiscalizadas pela imprensa da época e pelo Estado. Camadas sociais mais pobres, sem recursos para aderir

de pronto às novas exigências da vida social, viram-se obrigadas a deixar os centros urbanos e a cidade burguesa começa a emergir, afetando o modelo da sociedade rural do país de forma crucial e ratificando o movimento progressista imposto pelo colonizador.

O governo fez estabelecer limites entre as residências, para valorizar a intimidade familiar. Em contrapartida, as famílias mais abastadas abriam as suas portas para receber outras famílias de mesmo nível, ostentando mediante intensa programação social (bailes, saraus, convescotes, concertos, casamentos, batizados, etc.) a sua riqueza, ao mesmo tempo em que dava testemunho, na esfera pública, de seu padrão de organização familiar na esfera privada. Isso significava, também, um aumento da vigilância sobre os jovens, principalmente sobre as meninas e moças, cuja preparação para um casamento vantajoso dependia sobretudo da educação recebida em casa e nos colégios internos. Agora, a fiscalização dos novos estilos comportamentais acontecia até entre os membros dos grupos sociais, e a mulher passa a ser o centro das atenções.

A função social da mulher era de extrema importância para a sustentação do modelo de família burguesa. Esposa dedicada, mãe amorosa, educadora e anfitriã exemplar; dela dependia o sucesso ou o fracasso social da família. O homem, na qualidade de chefe e provedor, não deixa de ser a autoridade máxima do lar, porém, todas as mulheres da família trabalham socialmente no intuito de manter a posição a qual o marido, pai, patrão, etc.; ocupa na sociedade. Como base moral da família, a mulher deveria, nas relações matrimoniais, estabelecer regras de comportamento aceitáveis, além de zelar pela imagem pública do marido e pela castidade de suas filhas.

## **2.2. Comportamentos familiares: o modelo burguês**

Na cidade do Rio de Janeiro, em meados do século XVIII, os enamorados arranjavam diversas formas de promoverem seus encontros. Mesmo as restrições impostas pelo governo e pelas autoridades religiosas não impediam que os arredores das capelas, praças e igrejas servissem de locais

para namoro. Esse tipo de comportamento era mais comum e mais livre nas classes mais populares, porém, só não o era nas classes mais abastadas devido à intensa fiscalização paterna. As chances de um “bom casamento” eram praticamente nulas se a noiva já não era pura. Casar filhas, a propósito, consistia num investimento, além de ser tarefa significativamente afanosa para os pais, que a consideravam como o término dos seus deveres familiares em relação às moças. Daí compreender-se que o que menos se levava em consideração eram os sentimentos e desejos das jovens casadoiras; importava colocá-las sob a proteção legal e socialmente reconhecida do homem que se revelasse o melhor partido, de acordo com a compreensão dos pais.

Posteriormente, no século XIX, escritores como Joaquim Manoel de Macedo e José de Alencar expunham em suas obras uma nova forma de amar e de demonstrar esse amor, chamado de **moderno**:

No romantismo são propostos sentimentos novos, em que a escolha do cônjuge passa a ser vista como condição de felicidade. A escolha, porém, é feita dentro do quadro de proibições da época, à distância e sem os beliscões. Ama-se porque todo o período romântico ama. Ama-se o amor e não propriamente as pessoas. Apaixona-se, por exemplo, por uma moça que seria dona de um pezinho que, por sua vez, é o dono de um sapato encontrado. O amor parece ser uma epidemia. Uma vez contaminadas, as pessoas passam a suspirar e a sofrer e ao desempenhar o papel de apaixonados. Tudo em silêncio, sem ação, senão as permitidas pela nobreza desse sentimento novo: suspirar, pensar, escrever, sofrer. Ama-se, então, um conjunto de ideias sobre o amor. (D'INCAO, 2004, p. 234).

As mulheres das famílias burguesas não tinham a mesma liberdade daquelas oriundas das classes populares para a escolha de um marido. As relações políticas e econômicas inseridas entre os relacionamentos limitavam as opções. Tais aspectos eram demonstrados nas obras de grandes escritores da época, os quais propunham, ao sabor do imaginário romântico, uma espécie de sublimação do desejo através de um ‘refinamento’ da expressão do amor (“à distância e sem os beliscões”).

De certa forma, isto funcionou como um respiradouro para os desejos femininos frustrados podia-se viver o amor idealmente, fantasisticamente, interiormente, a despeito de qualquer realidade exterior adversa. No limite, semelhante alternativa poderia conter em si uma armadilha: Flaubert, em *Madame Bovary*, desenha a tragédia de Ema, que se suicida diante da

impossibilidade de viver segundo os seus desejos; Eça de Queiroz, pelos meandros do romance de tese, conduz a crédula, ingênua e insatisfeita Luísa à morte por iguais razões. Mas, tanto um como o outro romance seriam frutos de um momento sócio antropológico posterior às certezas com as quais acenava o modelo social nascente.

Relatos de historiadores e cronistas do século em questão afirmam que as mulheres casadoiras das classes mais altas chegavam a ser aprisionadas, no intuito de preservar-se a sua virgindade. O interesse familiar determinava que um “bom casamento” poderia garantir a perpetuação do bom nome da família. Estabelecido socialmente o status privilegiado da família burguesa, a vigilância e o controle dos pais em relação às filhas, ganha ares de tolerância em alguns aspectos, desde que atinjam os objetivos dos grupos familiares em questão.

O tema da tradição familiar burguesa, para se ter uma ideia de sua importância, é o foco dos escritos do autor de maior destaque no cenário da literatura brasileira do século XIX, Machado de Assis (1839-1908), sobretudo em sua primeira fase de produção, que vai de 1872 a 1878. Na segunda fase, que vai de 1880 a 1908, além da família, os aspectos psicológicos que cercam as relações humanas também são explorados. O escritor aborda, elegante e sutilmente, questões polêmicas que estruturam e, ao mesmo tempo corroem as relações familiares, como a desigualdade de direitos e de tratamento entre irmãos; os conflitos entre pais e filhos; a deficiência da educação religiosa; o estímulo à hipocrisia, à preguiça, à mediocridade e à futilidade; a indústria dos casamentos e a distância entre pais e filhos, que conviviam como verdadeiros desconhecidos. Denunciava, desta forma, as falhas sistêmicas que instintivamente convulsionavam o modelo familiar vigente, e, por extensão, a sociedade que o legitimava, anunciando o fracasso a partir de suas próprias bases.

Esse retrato do malogro da família burguesa assume proporções de crítica aguda na obra de Clarice Lispector como um todo. Diretamente influenciadas pelas personagens femininas de Virginia Woolf, as “mulheres de Clarice” – meninas, jovens, maduras, idosas – afundam-se inapelavelmente na experiência familiar castradora, repressiva e frustrante, que se revela, através

das posições que ocupam na família, em drama existencial pungente, por vezes desaguando no suicídio e na loucura.

### **3. Clarice Lispector e os Laços de Família**

#### **3.1 Sobre a autora**

Clarice Lispector é uma das maiores escritoras que o Brasil já conheceu. Rompe a barreira temporal com a atualidade de seus temas, sendo citada constantemente nas redes sociais. Dizia-se pernambucana; morou no estado de Pernambuco desde os dois anos de idade, porém nasceu na Ucrânia em 1920. Escreveu o seu primeiro livro aos dezessete anos de idade, sendo por essa razão considerada um prodígio pela crítica de então. Gostava de tratar de situações simples do cotidiano, mas com uma perspectiva ímpar para sua época. Amor, traição, amizade, liberdade, hipocrisia, faziam parte das suas temáticas. Escreveu cartas, ensaios, peças teatrais, crônicas e contos. Em 1960, foi publicada a primeira edição de *Laços de Família*, considerada uma das suas melhores obras. A autora morreu em 1977 no Rio de Janeiro.

#### **3.2 Os Laços de Família**

*Laços de Família* é uma coletânea de contos escritos em momentos diferentes, mas que estão ligados pelos conflitos familiares existentes nas histórias. As personagens procuram amar uns aos outros – ou, por vezes tolerarem-se – e ao mesmo tempo libertar-se de seus dramas existenciais. Isso acontece a partir de uma análise introspectiva, que desagua, via de regra, num momento epifânico (de revelação), elemento muito presente nos contos e romances da autora. O livro é definido cronologicamente como sendo integrante da terceira geração do Modernismo brasileiro, mais especificadamente do Neomodernismo, a chamada Geração de 1945, em sua vertente narrativa. Características como emprego do fluxo de consciência; análise psicológica; monólogo interior; uso de metáforas; quebra no espaço

tempo e postura anticonvencional, tanto em relação à visão da sociedade, quanto em relação à escrita literária, permitem esse entendimento.

Os 13 contos que compõem a coletânea *Laços de Família* ([1960] 1998), de Clarice Lispector, são representativos de várias posições e funções características da mulher na sociedade e na família brasileira, segundo os moldes burgueses herdados da tradição europeia. Todos os contos, sem exceção, apresentam de uma forma ou de outra, tais "especificidades" femininas. Não somente o papel da mulher, mas o do homem, das crianças, dos adolescentes e dos parentes idosos, alojados junto à família nuclear, são delineados no contexto em apreço. As personagens que desempenham e dão forma a esses papéis escondem invariavelmente, intensos conflitos íntimos em relação às máscaras sociais que lhes são impostas. Dessa forma, em razão do exterior estereotipado que exibem, identificam-se mais como tipos do que como indivíduos, optando, quando necessário, pela auto supressão em detrimento do enfrentamento de situações desestabilizadoras recorrentes de dolorosas epifanias acerca de si próprios e de suas vidas.

O tom dominante dos contos é de crítica, no que se refere ao conceito burguês mais elementar de família como o de "pessoas aparentadas, que vivem, em geral, na mesma casa, particularmente o pai, a mãe e os filhos" (FERREIRA, 1986, p. 755), cada um com funções bem definidas entre si e perante a sociedade. Essa crítica, entretanto, faz-se mais aguda no que diz respeito às atribuições femininas dentro e fora de casa. De uma maneira geral, neste sentido, o ditame social esmaga vitorioso, nos contos de *Laços de Família*, veleidades femininas de autorrealização que, transpondo os limites do ambiente doméstico, comprometeriam o funcionamento do sistema social, do qual o lar é a base, sacudindo, além do mais, a estabilidade de uma situação de vida adquirida ao longo de anos de esforço, como acontece no conto "Amor".

Um rápido levantamento das funções sociais dos membros da família representados nos contos da coletânea permite o resgate dos termos da crítica clariceana, formulada acerca da estrutura familiar nuclear, problematizada pela presença dos parentes idosos. Assim, tem-se que:



**O homem**, pai e chefe de família, provedor de suas necessidades básicas, tem a autoridade baseada na distinção sexual determinante da divisão de tarefas, que lhe coloca nas mãos os recursos financeiros e o pátrio poder. Por ocasião da formação da família, sua escolha dignifica a mulher, considerada apta e adequada a secundá-lo na manutenção da dinâmica social. Deve aparentar força, decisão e destemor na direção dos destinos familiares, mas em contos como “Os laços de família”, “O jantar” e “Começos de uma fortuna”, o reverso da moeda é mostrado pela presentificação nos protagonistas masculinos do conflito entre a manutenção da autoimagem e os desejos interiores.

**A mulher** é esposa, mãe e dona de casa. Destinada à procriação e aos cuidados dos filhos, da casa, do marido, deve ainda ser ordeira, modesta, recatada e avessa a “extravagâncias”. Nos contos, a revelação da mulher enquanto indivíduo aparece através de suas carências de afeto e de realização pessoal, como em “A menor mulher do mundo”; das frustrações que experimenta, como em “Devaneio e embriaguez duma rapariga”; e principalmente através da sua fuga de verticalizar reflexões que desestabilizem sua crença no sistema social, mesmo percebendo, através de desconcertantes *insights*, o absurdo de sua realidade e a inutilidade das “questões práticas” colocadas em primeiro plano. É o que acontece, por exemplo, em “Amor” e em “Os laços de família”. Quando é atingido o ponto sem volta da recusa do real, verifica-se a) a morte, sugerida no destino do qual fogia inutilmente a personagem principal de “Uma galinha” b) a loucura, como ocorre em “A imitação da rosa” ou c) a indiferença ou alheamento auto defensivo, exemplificado em “Feliz aniversário”.

**Os filhos**, quando crianças, são travessos e insuportáveis, refletindo, na realidade, as contradições dos pais. A combinação destas características à inocência e espontaneidade naturais da infância geram quadros perturbadores iguais ao mostrado no conto em análise neste trabalho, revelador da enorme distância afetiva, fomentada pela atitude de rejeição dos pais, entre os netos e a avó de 89 anos. Livres da injunção de criar e manter uma máscara social, as crianças revelam, por mais desagradável que seja o seu comportamento, o que os adultos devem esconder, levando-os a amargas reflexões.

Quando adolescentes, os filhos estão envolvidos na preparação mais intensa dirigida às futuras atribuições da vida adulta. Rapazes e moças encontram-se então num período de indefinição que pode ser bastante tenso, uma vez que a sociedade, não mais lhes atribuindo o comportamento infantil, também não lhes confere os direitos inerentes à maioridade. Os adolescentes de *Laços de Família*, vistos panoramicamente, já evidenciam as preocupações que os valores sociais aceitos reforçarão na vida adulta: os rapazes, como Artur e Carlinhos em “Começos de uma fortuna”, enfrentam os desafios da virilidade nascente e da obtenção do dinheiro; as moças, como se verifica em “Preciosidade” e em “Mistério em São Cristóvão”, investem na manutenção da castidade para o casamento, sendo instruídas no sentido de considerarem o contato físico com outrem - e, por extensão, com a própria sexualidade - um perigo a ser evitado como se fosse uma grande desgraça.

Uma vez adultos, os filhos estariam, agora, independentes e plenamente integrados nas responsabilidades que lhes competem no instituto familiar e social como chefes e mães de família. Entretanto, é nesse momento que os filhos, ao invés da liberdade, da plenitude e da segurança que supunham entrever na maturidade e no cotidiano familiar, tomam contato com outro tipo de realidade: a necessidade de acolher os pais idosos e/ou os sogros, a rotina do casamento, as contas a pagar, a educação dos filhos, a repressão da sexualidade, a manutenção de uma imagem de satisfação e felicidade.

**Os idosos** devem merecer respeito e consideração em razão do muito que já fizeram pelos que agora os acolhem. É o que prescreve o ditame social, apoiado pelo discurso religioso: "Honra teu pai e tua mãe e terás longa vida na terra que o Senhor Teu Deus te há de dar" (Ex 20:12). Para além das convenções, entretanto, os velhos são apresentados nos contos como realmente os veem e sentem filhos e netos: estorvos, incômodos apêndices do núcleo familiar; peso emocional e financeiro numa economia já de si precária; desconhecidos com os quais não se tem qualquer afinidade além da determinada pelas necessidades presentes, como acontece em “Os laços de Família” e “Feliz aniversário”.

Em sequência, são estes os contos que integram a coletânea: “Devaneio e embriaguez duma rapariga”; “Amor”; “Uma galinha”; “A imitação da rosa”;

“Feliz aniversário”; “A menor mulher do mundo”; “O jantar”; “Preciosidade”; “Os laços de família”; “Começos de uma fortuna”; “Mistério em São Cristóvão”; “O crime do professor de matemática”, e, finalmente, “O búfalo”.

#### **4. Os *deslaços de família* no conto Feliz Aniversário**

“Feliz aniversário”, analisado neste trabalho, começa com a chegada dos convidados na festa do natalício de 89 anos de D. Anita, uma velha matriarca. A comemoração é organizada por Zilda, única mulher entre os filhos daquela senhora, cujo objetivo, diferentemente de homenagear a mãe, é transmitir à família o recado da própria autossuficiência e competência para realizar a pesada tarefa de cuidar sozinha da velha senhora. Na qualidade de filha, Zilda torna-se, portanto, a escolha natural para ser a cuidadora de D. Anita, de acordo com os ditames da família tradicional burguesa.

Pouco a pouco, os familiares vão chegando e a presença da aniversariante à cabeceira da mesa (desde o início da tarde até o horário da festa, às 16 horas), completa aquele cenário montado, não para ela, a aniversariante, mas, sim, para mostrar aos demais membros da família a dedicação de Zilda à mãe. Da posição em que se encontra na mesa, que reflete exteriormente uma pretensa centralidade e superioridade em relação aos outros, D. Anita silenciosamente observa a tudo e a todos, a despeito de afetar profunda indiferença e passividade. Nota, por exemplo, que os parentes, durante os ‘parabéns’, batem apenas “algumas palmas ralas”.

Percebe tantos gestos e palavras aleatórias, convencionais e insinceras que, em determinado momento, diante do bolo, das velas acesas e de todos ali reunidos unicamente para cumprir um dever social e preservar a própria imagem da impiedosa avaliação que se faziam uns dos outros, insulta os parentes e cospe no chão, demonstrando nojo por participar daquela encenação. Essa atitude, a princípio, causou espanto a todos, por fugir ao *script* da cerimônia da qual participava a família, ansiosa para cumprir as etapas do ritual social e retirar-se para atender aos próprios interesses. Porém,

neutralizaram o choque experimentado diante da atitude de D. Anita atribuindo-a à senilidade. O irmão mais velho agora falecido e único a possuir afinidades com a velha mãe. Conseguiu apenas dizer “até o ano que vem”, aparentemente formulando um desejo de renovar o feliz encontro familiar, mas, na verdade, expondo na falta de expressões para saudar a mãe, o vazio das relações que a todos envolvia.

Filhos, mulheres e crianças, netos que são desconhecidos para D. Anita, despedem-se da aniversariante, felizes e ao mesmo tempo aliviados por terem cumprido o protocolo, sabendo que, possivelmente, apenas no ano seguinte seriam obrigados a reunir-se e tolerar-se novamente. Zilda percebe, frustrada, que ninguém deu a mínima atenção para o seu esforço na organização da festa. Enquanto isso, D Anita, misto de atração principal e figuração, ainda à cabeceira da mesa, aguarda.

Para a classe média, até os anos 50 do século XX, as perspectivas de vida reúnem-se em um conjunto finito, com pequenas variáveis ou possibilidades de modificação. Os filhos do sexo masculino, devendo continuar a trajetória do pai, buscam formatura em Direito ou em Medicina, seguida da entrada para a política, para o serviço público e/ou para o cultivo das Letras. Na zona rural, assim como na urbana, esperava-se do filho mais velho dar continuidade aos negócios ou aos labores paternos para só então constituir a própria família. As filhas adquiriam um verniz de instrução (letras, aritmética, religião e etiqueta), mas o ponto forte de sua aprendizagem eram as prendas domésticas, que deveriam incluir a educação doméstica dos filhos e a capacidade de representar condignamente o marido em sociedade. Conforme a situação social da família, a jovem poderia receber lições de francês, de dança e de piano. No Brasil, até os anos 40 do século XX, era voz corrente que a universidade, para moças, deveria servir como vitrine para um “bom casamento”... A filha mais velha era por assim dizer “sacrificada” neste esquema: não deveria casar para cuidar dos pais idosos, mas, mesmo que o fizesse ainda lhe cabia a tarefa.

Concentrada em torno do núcleo pai-mãe-filhos, a família burguesa brasileira houve de arcar com o ônus de uma mudança histórica sem precedentes, desencadeada pela queda do nível de vida, após a quebra da

Bolsa de Valores americana em 1929, seguida, em cerca de 10 anos, pela entrada da mulher brasileira no mercado de trabalho.

Tem-se, em Clarice Lispector, ao sabor de uma visão existencialista, um retrato da família como instituição calcada em valores carcomidos, que perderam todo o sentido. Este retrato, no entanto, ainda congrega os membros da família em sua moldura, na aparência de uma unidade que está longe de se verificar na convivência e nas relações íntimas.

Lauriti (2009), no artigo *Feliz aniversário e noventa e três: o silenciamento da velhice nas narrativas de Clarice Lispector e Mia Couto*, faz uma análise da velhice na sociedade industrial, definindo-a, numa visão fatalista, como destino do indivíduo e elencando-a no rol das categorias sociais. A sociedade industrial, nesta perspectiva, é tida como uma estrutura maléfica, que aprisiona o idoso e promove aos poucos o seu silenciamento e isolamento familiar e social.

"Feliz aniversário" mostra o silenciamento, a separação, o isolamento e a exclusão de que D. Anita é objeto no seio da família, apesar de aparentemente situar-se no centro das atenções. O conto põe a nu, de forma simbólica e discursiva, minuciosa em detalhes, a hipocrisia das relações familiares na comemoração da data natalícia da velha matriarca, que não ocupa tal posição de relevo, senão no estatuto da tradição que os seus descendentes prezam acima de tudo.

A omissão da família, de permeio aos comportamentos dissimulados, provoca na velha senhora, que os percebe, do seu ponto de observação privilegiado (do centro da sala, ela possui visão panorâmica do cenário, imagem muito bem aproveitada pela voz narradora), um mutismo intencional, carregado do desprezo que ela, ao contrário dos demais, não se preocupa em esconder, em nome das boas relações e da preservação da imagem social, neste microuniverso marcado pela mediocridade e pelo egoísmo, em todas as instâncias de sua família. Talvez apenas as crianças, assim como D. Anita, resistem, em certo sentido, ao jogo social, pois refletem, no receio por sua figura idosa, na aversão que demonstram ao contato físico do cumprimento de saudação e no desrespeito diante de sua presença, a posição dos pais – estão sendo instruídos a imitá-los no futuro.

O ato ritualístico do aniversário gira aparentemente em torno de D. Anita, que permanece estática na presença de seus familiares, porém não como protagonista, mas, sim, como mero adereço para a festa. Zilda, a filha, coloca-a no assento de honra da mesa festiva desde as primeiras horas da tarde, fazendo-a parte da decoração. Tudo deve estar perfeito para atizar a inveja e desestimular a maledicência. Assim deve acontecer a cada novo aniversário. Para a senhora, não resta alternativa, a não ser enfrentar mais uma vez a relação doentia e falsa com os familiares, mas, desta vez, ela já não está disposta a colaborar. Inerte na cabeceira da mesa meticulosamente preparada, a velha matriarca, por sua aparente apatia, é considerada por seus familiares como senil. Porém, ao literalmente apunhalar o bolo, ao invés de cortá-lo com a espátula; ao xingar filhos e noras de “corja de maricas, cornos e vagabundas”, “comunistas”; ao enviar todos ao “diabo que os carregue”; ao recusar o epíteto de “vovozinha” (“que vovozinha que nada!”), D. Anita oferece a todos um desfecho no mínimo chocante para o maçante e previsível ritual anual. Ela mesma o encerra com chave de ouro: cospe no chão, “com força insuspeita” e exige uma taça de vinho (da qual não bebe – vinho, tradicionalmente, é símbolo de amor e comunhão). D. Anita é a imagem da dor causada pelo abandono emocional.

A hostilidade de D. Anita propõe-se como reação ao tratamento que a sociedade industrial, utilitária e imediatista, já a partir dos anos quarenta, passava a dispensar aos mais velhos. O capitalismo é cruel e sutilmente direto, em sua lógica funcional: se um membro da sociedade não pode materialmente contribuir com ela ou cuidar-se, não ocupando em sua estrutura posição ou atribuição identificável para o funcionamento geral do sistema, constitui peso excedente. D. Anita emblematiza, na família, a perda do status social do idoso, antes considerado digno do respeito e do cuidado dos adultos por ter sido para eles o esteio da infância; dos jovens, pela sabedoria advinda da experiência e das crianças, pela reverência devida aos mais velhos. A família de D. Anita, seguindo a tendência que se estabeleceu como norma do comportamento social nas décadas seguintes do século XX e entrando pelo século XXI, reflete os pensamentos e atitudes da classe média burguesa da época.

Fascina e Silva (2015), definindo as interações sociais/interpessoais em “Feliz aniversário” como um *labirinto sem fim*, evocam, na visão psicologizante da teoria lacaniana, as relações entre as pressões sociais, representadas na figura do Grande Outro (no caso, o sistema social) e a ação do indivíduo, seja para acatá-lo ou para contrariá-lo. Mascaradas pelo decoro social, as relações familiares, no conto, longe de serem genuinamente afetivas, guardam a feição de ato burocrático e vazio, encontrando razão de ser apenas em eventos programados como o aniversário de D. Anita.

Entretanto, para os autores, a leitura do conto pode ir mais além da banalização da identificação dos conceitos “justo x injusto”, “fraco x forte”, “verdade x mentira”. A explosão de rebeldia em atos e palavras, que constitui o ápice da narrativa, apenas inscreve em suas entrelinhas o que é mais importante perceber:

Ora, se a irrupção da autenticidade na fúria verbal fosse apenas um confronto dual entre a velha senhora e sua família, teríamos uma situação padrão na qual um ente fragilizado ou excluído do poder e dotado de uma vontade férrea se opõe, desafiadora, à mentira coletiva, sendo, naturalmente, anulada pelos outros, que ocupam uma situação de relativo poder sobre o desafiante. Teríamos um conto cujo sentido seria o de despertar a empatia do leitor por D. Anita, cuja "derrota" face ao discurso normalizador dos parentes soaria como uma injustiça, conclamando o leitor a desejar que o final da história tivesse sido diferente (FASCINA & SILVA, 2015, p. 13).

Após a surpresa dos familiares, a fala, assim como as atitudes de D. Anita, são tomadas como sinais de senilidade, razão pela qual não devem ser levadas em conta. Podem, no entanto, ser percebidas pelo leitor, colocado no posto privilegiado de observador, como certificadoras da consciência que a velha senhora tem da falsidade das relações familiares aparentemente perfeitas. Para Fascina e Silva, essa é a forma pela qual D. Anita informa ao Grande Outro que reconhece o engodo que dá forma a tais relações, bem como à sua posição neste mesmo cenário.

O leitor não é conduzido pela fala do narrador a projetar-se em D. Anita, embora tenda a aceitar o mau julgamento que ela faz dos familiares. Sua aparência é descrita em termos que geram distanciamento: “grande”, “rígida”, “magra”, “imponente, morena”, “oca”, “a velha”. O cunho acentuadamente conservador de seus valores reflete um *status quo* que soaria estranho à

mentalidade moderna: a fraqueza da filha e das noras é representada no uso de brincos de bijuteria (não de ouro), nos braços moles (o que denota a falta de contato com o trabalho duro) e na incapacidade de mandar nas empregadas, ou mesmo de tê-las, como é o caso de Zilda. O marido é lembrado como alguém que ela respeitava, “obediente e independente”; que lhe fizera filhos; que pagara por seus partos e respeitara os seus resguardos. Mais importante do que identificar-se com D. Anita, é identifica-la no espaço físico e simbólico que ocupa na organização familiar e social.

Fascina e Silva apontam o leitor como sendo o Grande Outro, em razão de acompanhar a narrativa sem comprometer-se com o seu andamento, enquanto ajuíza acerca do comportamento das personagens, com as quais se identifica na medida em que seja autorizado pelo plano da enunciação. Não concordamos com essa visão. Acreditamos que a posição de Grande Outro demanda poder absoluto sobre fatos e personagens, atribuição que não cabe ao leitor, subordinado ao ponto de vista do narrador para montar a sua leitura (mesmo que se aventure pelos pontos escuros que a interpretação se permite clarear). O Grande Outro, a nosso ver, representa o sistema, o *status quo* que determina as posições de onde se vê e de onde se fala, inclusive de onde vê e fala o narrador. Esta perspectiva, sim, traduz, ao nosso ver, poder absoluto no âmbito do universo ficcional.

Dias e Félix (2009) tocam no aspecto do sentimento de abandono na velhice feminina, apontando a indiferença com que D. Anita é tratada na própria festa de aniversário, da qual deveria ser o centro das atenções e o silenciamento que a ela é simbolicamente imposto, quando suas manifestações de hostilidade verbal são minimizadas e consideradas como demonstrativas de senilidade.

Se, por um lado, fica clara da parte da família a compreensão da velha matriarca como um estorvo – assim sendo, tudo o que a ela diga respeito resulta em incômoda obrigação – é preciso penetrar no íntimo de sua atividade psicológica intensa para examinar uma nuance mais refinada e dolorosa do conceito de abandono entrevista pela personagem: a do autoabandono.

D. Anita tem consciência de que não vivencia o abandono físico (não mora nas ruas, nem foi deixada em um asilo), mas o afetivo, que a relega à



solidão em meio aos cuidados e à suposta consideração que recebe dos familiares. Entretanto, comparece como perplexidade a percepção de que, ao contrário do que aprendera e esperara de si própria, como geradora e educadora da prole, os filhos não refletiam o que a velha senhora prezava como valores inclusive seus: “Oh, o desprezo pela vida que falhava. Como?! Como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos?” Falhar na vida, para ela, significa constatar que não fora capaz de realizar nos filhos o mesmo feito de seus antecessores em relação a ela, e mais, que se encontrava na velhice à mercê da mediocridade que a cercava, como testemunha onipresente de seu fracasso e decepção. Na imobilidade do rosto que não traduz emoções e do corpo que se deixa dispor; na passividade com que se submete ao tratamento humilhante, insensível, à festa decorada com motivos infantis nos balões, copinhos, chapeuzinhos e pratinhos; na introspecção através da qual nega aos circunstantes a verdade de si mesma, percebemos índices de doloroso autoabandono diante da inevitabilidade da realidade que há tempos já não controla. D. Anita, mesmo a contragosto, ‘dança conforme a música’, sabendo que não pode mudá-la, embora eventualmente tenha protagonizado um episódio isolado de rebeldia através de sua hostilidade – o que denota o desaguar de uma tensão interior que pode novamente se acumular e extravasar.

À sua volta, um deserto de afeições: José não tem nada para lhe dizer no discurso de parabéns; Jonga, o filho mais velho, o único que falava ao seu coração, morrera (nunca mais D. Anita tocou em seu nome a partir de então); as noras permanecem na festa em um misto de obrigação, exibicionismo e constrangimento; as crianças ignoram ou temem a sua presença; Zilda não fez a festa motivada pela data feliz, em torno da qual reuniria a família, mas para exhibir a própria competência diante dos parentes. Desta forma, todos os presentes e homenagens destinados à aniversariante não foram suficientes para encobrir a hipocrisia transparente no ritual da festa e em todos os rostos, mentira com a qual D. Anita se vê obrigada a compactuar, apesar de seu desprezo, e à qual se entrega, autoabandonando-se, num movimento que combina revolta e autopreservação.

Diante dos comportamentos dos familiares, bem como da reação que a velha matriarca teve, percebe-se que a festa de aniversário de D. Anita serviu apenas para satisfazer o interesse egoísta da família. O intuito é de mostrar que eles atendem aos padrões da sociedade da época. Enquanto isso, a velha matriarca permanece inerte e silenciosa, sentada à cabeceira da mesa, sem saber se haverá um próximo ano para ela.

Em perspectiva semelhante, Neumann et al (2014), trabalhando a temática do idoso, colocam-no como símbolo de sabedoria, cuja missão, a priori, seria a transmissão dos conhecimentos adquiridos durante sua vida. Os conselhos dos mais velhos sempre devem ser seguidos, por se entender que aqueles eram os melhores para ensinar a distinguir o certo do errado. Entretanto, rompendo com essa ideia, encontramos nos textos de Clarice Lispector a figura do idoso isolado e discriminado dentro da própria família. A rédea agora estaria nas mãos dos filhos e netos, por se acharem nesse momento, mais capazes de direcionar suas próprias vidas dispensando qualquer ajuda.

Os autores evocam um interessante aspecto: a postura de ‘miopia’ adotada pelos familiares em relação a D. Anita, refletindo a atitude social de apenas difusamente enxergar o indivíduo rotulado de “idoso” pelo *status quo*, não importando o fato de se tratar ou não de pessoa próxima, íntima ou desconhecida. Em sua festa de aniversário, D. Anita era um enfeite que não era visto (assim como, no dia a dia, não passava de uma obrigação ou de um objeto ao qual se deveriam dispensar alguns cuidados), tão míope era o olhar da família em relação a ela. É Zilda, na organização da festa, quem oferece o primeiro exemplo:

Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele cheiro de guardado – sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. (LISPECTOR,1998; p.55)

É fácil identificar que, para a filha, D. Anita era um fardo a ser manuseado, transportado para aqui e para ali, e não um indivíduo com vida interior e vontades próprias. Sentada à mesa, mesmo estando a sala cheia de

peçoas, no decorrer da festa em sua homenagem, a velha matriarca, ignorada pelas noras, evitada pelas crianças, ou por elas atropelada em suas correrias pela sala, tratada como criança por Zilda e pelas netas, e como senil por todos os adultos presentes, percebe, por estas atitudes, que não é vista como realmente é por dentro (por fora é uma velha, apenas), como peçoas, fato que a revolta.

Uma pista sobre a maneira como os parentes realmente a veem, aparece na arrumação da sala. A festa comemora vida, natalício, mas como num ato falho, até mesmo a forma como estão dispostos os móveis (com cadeiras encostadas à parede e a grande mesa no centro e D. Anita sentada à cabeceira) sugerem um ambiente fúnebre, tendo a velha senhora como destaque central, aguardando imóvel a hora de tudo aquilo acabar.

Se, por um lado, os familiares parecem cegos em relação à peçoas que se senta à cabeceira da mesa e os olha, por baixo de uma impassibilidade autoimposta, sem que percebam, com raiva e desprezo, o mesmo não se dá com ela, cuja visão alcança não apenas o espaço em que se movimentam, mas o tempo em que desfilam as suas ações e comportamentos usuais. A experiência de D. Anita permitiu a percepção dos pontos obscuros disfarçados na falsa alegria presente naquela festa de aniversário.

Percebeu que tudo não passava de uma encenação. Ao término do evento, todos se questionam: haveria uma próxima festa no ano que vem, dada a idade avançada da aniversariante? Poderíamos apostar que, tanto quanto eles, ela não desejaria que houvesse, mas isto a família não é capaz de entrever nas expressões de seu comportamento, cada vez mais incompreensível, quanto maior se torna o distanciamento entre a velha matriarca e a família, como se esta fosse um ponto no horizonte que gradativamente se torna quase invisível. Aliviados, todos partem e deixam D. Anita à cabeceira da mesa, no mesmo lugar em que a encontraram ao chegar, como quem ainda está aguardando a verdadeira festa começar.

Partindo dessa análise, verificamos que, na visão de Clarice Lispector, a figura do idoso está relacionada a situações de exclusão e abandono no ambiente melancólico e solitário no qual se transforma a casa da família. Segundo Bosi (1999), a relação imposta entre o adulto e o idoso é marcada

pela incompreensão, pela falta de tolerância, sem o calor da sinceridade. Ignorar os mais velhos é, antes de tudo, negar a oportunidade de interação e trabalho mental para eles, mas é além de tudo, negarmos a nós mesmos, pelo fato de não quisermos enxergá-los como pessoas, a oportunidade de aprender com as experiências vividas por eles.

### **Considerações finais**

O trabalho foi desenvolvido no intuito de discutir a forma como se comporta sociedade e família perante o idoso, tomando por base as relações familiares existentes no conto “Feliz Aniversário”. Constatamos que a formação e organização da família moderna burguesa, desde a origem, pautada em um jogo de aparências para satisfazer interesses sociais e econômicos, apresentava conflitos de relacionamento entre seus membros. Tudo isso, descrito e relatado nas obras de grandes escritores da época.

Clarice Lispector usou esse revés dentro da família burguesa como forma de inspiração para seus escritos. Sensível a esses problemas, mostrou em “Feliz Aniversário” toda a hipocrisia, falsidade e apatia que permeavam a vida da personagem D. Anita. Uma família que está baseada em uma relação protocolar e que abandona sentimentalmente aquela idosa. Na perspectiva da velha matriarca, só o filho Jonga, já falecido, demonstrava algum sentimento e apenas o marido, também falecido, era digno do respeito dela.

Os avanços tecnológicos e econômicos, por exemplo, que são promovidos na sociedade moderna, muitas vezes surtem efeito contrário para os idosos, que por não conseguirem acompanhar o ritmo, terminam esquecidos e abandonados materialmente e sentimentalmente. No Brasil, poucas são as políticas para a melhor qualidade de vida da chamada **terceira idade**, isso falando a nível governamental. Mas, dentro das próprias famílias, não há, em sua grande maioria, um preparativo para acomodar na velhice, aquele que foi responsável inicial pela formação daquele lar, fazendo com que muitos filhos e netos coloquem seus “velhos” em asilos. Outro motivo para afastar o idoso de casa, seria a falta de tempo, que também se torna justificativa para as poucas

visitas. Vemos isso nos filhos de D. Anita, que só visitam a mãe na sua data natalícia e ainda sim, forçosamente para cumprir com a obrigação social em relação a mãe.

Clarice Lispector pontua na vida da velha matriarca, as adversidades nas relações familiares, mostrando toda a falsidade, orgulho e exibicionismo presentes nos participantes daquela festa. A autora também mostra o drama do abandono sentimental, o esquecimento e a falta de amor para com aquela idosa, que sem poder mais andar, permanece, na maior parte do tempo, inerte às atitudes de sua família. Essas pistas elencadas pela autora mostram toda inquietação e angústia pela qual aquela senhora tem passado e que remete ao drama de muitos idosos, que sofrem com isso perante a sociedade e principalmente dentro da própria família. Fingir não ver não implica dizer que o problema não existe. Cobrar dos governos políticas públicas para uma melhor condição de vida do idoso, no nosso ver é se eximir da responsabilidade que primeiro se tem dentro de seu ambiente familiar.

Esperamos, assim, que estas discussões sirvam como base para pesquisadores e despertem a curiosidade e o interesse em aprofundar-se na temática, levantando novas ideias e difundindo cada vez mais a proposta literária de Clarice Lispector, que mostra na ficção, dramas paradigmáticos que ainda hoje se perpetuam na sociedade moderna.

## **AN ELDER WOMAN IN THE FAMILY: SOCIAL BEHAVIOR AND FAMILY RELATIONSHIP IN THE SHORT STORY *HAPPY BIRTHDAY*, BY CLARICE LISPECTOR**

### **Abstract**

This study seeks to discuss the role of the elderly in social relations inside and outside the family, as well as the behavior of society itself in relation to them, based on Clarice Lispector's short story "Happy Birthday". In the narrative, such relations are based on apathy, hypocrisy and falsehood from all relatives in regard to the eighty-nine years old matriarch. D. Anita, as she is called, perceives all the lack of love from sons, daughters-in-law, grandchildren, etc., who pretend not to see her and feel her birthday party as an unpleasant obligation to comply as an annual protocol. Even in the face of her physical limitations, D. Anita no longer supports such false attitudes and explodes with cursing and aggressive behavior towards her family members. It is important to notice that this fiction becomes reality in many homes where there are elderly

people. D. Anita is overwhelmed by some kind of emotional abandonment, imposed by her family. The methodology used for this analysis was the bibliographic research, which enabled to alight behavioral problems regarding the elderly, both by family and by other people in society. Our theoretical basis reunites reflections by FERREIRA (1986), D'INCAO (2004), DEL PRIORE (2005), among others. We hope this work will help other researchers and also open and expand new parameters on the subject.

**Keywords:** Old age. Traditional family. Clariceana Narrative.

## Referências

BOSI, Ecléa. Tempo de Lembrar. In.: \_\_\_\_\_. **Memória e sociedade: Lembrança de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CONGRESSO NACIONAL DE ENVELHECIMENTO HUMANO, 4, 2016. Natal. **Velhice e Família**. Natal: Realize eventos, 6 p.

DIAS, Maria Aparecida do Nascimento; FÉLIX, Marília Araújo. **Sentimento de abandono na maturidade feminina: uma análise do conto feliz aniversário, de Clarice Lispector**. Anais do IV Colóquio Internacional Cidadania Cultural: diálogos de gerações, 22, 23 e 24 de set. 2009.

DEL PRIORI, Mary. O eterno casamento. In: \_\_\_\_\_. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 246-263.

D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, Mary (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223-240.

FASCINA, Diego Luiz Miiller; SILVA, Marisa Corrêa. Labirinto sem fim: Relações familiares e sociais em Feliz Aniversário e em Os Laços De Família, de Clarice Lispector. **Revista Profanações**. Contestado, Universidade do Contestado, ano 2, nº 2, jul. / dez. 2015.

FERREIRA, Aurélio B. de. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 16. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

LAURITI, Thiago. “‘Feliz Aniversário’ e ‘Noventa e Três’: O Silenciamento da Velhice nas Narrativas de Clarice Lispector e Mia Couto”. **Revista Multidisciplinar da Uniesp**. São Paulo, Saber Acadêmico, nº7, jun. 2009.

LISPECTOR, Clarisse. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LIMA, Maria Alissandra Araújo de. **A velhice em “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector: abandono, silêncio e epifania**. Artigo Científico (Graduação) – Departamento de Letras e Humanidades, Universidade Estadual da Paraíba, 2016.

NEUMANN, João Pedro da Silveira. “O olhar míope frente ao idoso em *Feliz Aniversário*, de Clarice Lispector”. In: **Revista Portal de Divulgação**. N. 43, Ano V. Dez/Jan/Fev. 2014-2015. p. 62-67.

SILVA, Hiago Vinícius da. **Dona Anita: explosão e abandono em Feliz Aniversário, de Laços de Família**. Artigo Científico (Graduação) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2014.

E BIOGRAFIA. **Clarice Lispector escritora e jornalista brasileira**. Disponível em: < [https://www.ebiografia.com/clarice\\_lispector/](https://www.ebiografia.com/clarice_lispector/)>. Acesso em: 21 mai. 2017.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Clarice Lispector**. Disponível em <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Clarice\\_Lispector](https://pt.wikipedia.org/wiki/Clarice_Lispector)>. Acesso em: 21 mai. 2017.



## ANEXO A – Conto “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho, com enfeite de paetês e um drapeado disfarçando a barriga sem cinta. O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos. Mas mandara sua mulher para que nem todos os laços fossem cortados — e esta vinha com o seu melhor vestido para mostrar que não precisava de nenhum deles, acompanhada dos três filhos: duas meninas já de peito nascendo, infantilizadas em babados cor-de-rosa e anáguas engomadas, e o menino acovardado pelo terno novo e pela gravata.

Tendo Zilda — a filha com quem a aniversariante morava — disposto cadeiras unidas ao longo das paredes, como numa festa em que se vai dançar, a nora de Olaria, depois de cumprimentar com cara fechada aos de casa, aboletou-se numa das cadeiras e emudeceu, a boca em bico, mantendo sua posição de ultrajada. "Vim para não deixar de vir", dissera ela a Zilda, e em seguida sentara-se ofendida. As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar e ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.

Depois veio a nora de Ipanema com dois netos e a babá. O marido viria depois. E como Zilda — a única mulher entre os seis irmãos homens e a única que, estava decidido já havia anos, tinha espaço e tempo para alojar a aniversariante — e como Zilda estava na cozinha a ultimar com a empregada os croquetes e sanduíches, ficaram: a nora de Olaria empertigada com seus filhos de coração inquieto ao lado; a nora de Ipanema na fila oposta das cadeiras fingindo ocupar-se com o bebê para não encarar a concunhada de Olaria; a babá ociosa e uniformizada, com a boca aberta.

E à cabeceira da mesa grande a aniversariante que fazia hoje oitenta e nove anos.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito "Happy Birthday!", em outros "Feliz Aniversário!" No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para não desarrumar a mesa.

E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um

pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado — sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa.

De vez em quando consciente dos guardanapos coloridos. Olhando curiosa um ou outro balão estremecer aos carros que passavam. E de vez em quando aquela angústia muda: quando acompanhava, fascinada e impotente, o vôo da mosca em torno do bolo.

Até que às quatro horas entrara a nora de Olaria e depois a de Ipanema.

Quando a nora de Ipanema pensou que não suportaria nem um segundo mais a situação de estar sentada defronte da concunhada de Olaria — que cheia das ofensas passadas não via um motivo para desfitar desafiadora a nora de Ipanema — entraram enfim José e a família. E mal eles se beijavam, a sala começou a ficar cheia de gente que ruidosa se cumprimentava como se todos tivessem esperado embaixo o momento de, em afobação de atraso, subir os três lances de escada, falando, arrastando crianças surpreendidas, enchendo a sala — e inaugurando a festa.

Os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena.

Parecia oca.

— Oitenta e nove anos, sim senhor! disse José, filho mais velho agora que Jonga tinha morrido. — Oitenta e nove anos, sim senhora! disse esfregando as mãos em admiração pública e como sinal imperceptível para todos.

Todos se interromperam atentos e olharam a aniversariante de um modo mais oficial. Alguns abanaram a cabeça em admiração como a um recorde. Cada ano vencido pela aniversariante era uma vaga etapa da família toda. Sim senhor! disseram alguns sorrindo timidamente.

— Oitenta e nove anos!, ecoou Manoel que era sócio de José. É um brotinho!, disse espirituoso e nervoso, e todos riram, menos sua esposa.

A velha não se manifestava.

Alguns não lhe haviam trazido presente nenhum. Outros trouxeram saboneteira, uma combinação de jérsei, um broche de fantasia, um vasinho de cactos — nada, nada que a dona da casa pudesse aproveitar para si mesma ou para seus filhos, nada que a própria aniversariante pudesse realmente aproveitar constituindo assim uma economia: a dona da casa guardava os presentes, amarga, irônica.

— Oitenta e nove anos! repetiu Manoel aflito, olhando para a esposa. A velha não se manifestava.

Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome. O ponche foi servido, Zilda suave, nenhuma cunhada ajudou propriamente, a gordura quente dos croquetes dava um cheiro de piquenique; e de costas para a aniversariante, que não podia comer frituras, eles riam inquietos. E Cordélia? Cordélia, a nora mais moça, sentada, sorrindo.

— Não senhor! respondeu José com falsa severidade, hoje não se fala em negócios!

— Está certo, está certo! recuou Manoel depressa, olhando rapidamente para sua mulher que de longe estendia um ouvido atento.

— Nada de negócios, gritou José, hoje é o dia da mãe! Na cabeceira da mesa já suja, os copos maculados, só o bolo inteiro — ela era a mãe. A aniversariante piscou os olhos.

E quando a mesa estava imunda, as mães enervadas com o barulho que os filhos faziam, enquanto as avós se recostavam complacentes nas cadeiras, então fecharam a inútil luz do corredor para acender a vela do bolo, uma vela grande com um papelzinho colado onde estava escrito "89". Mas ninguém elogiou a idéia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles não estariam pensando que fora por economia de velas — ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado. Então acenderam a vela. E então José, o líder, cantou com muita força, entusiasmando com um olhar autoritário os mais hesitantes ou surpreendidos, "vamos! todos de uma vez!" — e todos de repente começaram a cantar alto como soldados. Despertada pelas vozes, Cordélia olhou esbaforida. Como não haviam combinado, uns cantaram em português e outros em inglês. Tentaram então corrigir: e os que haviam cantado em inglês passaram a português, e os que haviam cantado em português passaram a cantar bem baixo em inglês.

Enquanto cantavam, a aniversariante, à luz da vela acesa, meditava como junto de uma lareira.

Escolheram o bisneto menor que, debruçado no colo da mãe encorajadora, apagou a chama com um único sopro cheio de saliva! Por um instante bateram palmas à potência inesperada do menino que, espantado e exultante, olhava para todos encantado. A dona da casa esperava com o dedo pronto no comutador do corredor — e acendeu a lâmpada.

— Viva mamãe!

— Viva vovó!

— Viva D. Anita, disse a vizinha que tinha aparecido.

— Happy birthday! gritaram os netos, do Colégio Bennett. Bateram ainda algumas palmas ralas.

A aniversariante olhava o bolo apagado, grande e seco.

— Parta o bolo, vovó! disse a mãe dos quatro filhos, é ela quem deve partir! assegurou incerta a todos, com ar íntimo e intrigante. E, como todos aprovassem satisfeitos e curiosos, ela se tornou de repente impetuosa: — parta o bolo, vovó!

E de súbito a velha pegou na faca. E sem hesitação, como se hesitando um momento ela toda caísse para a frente, deu a primeira talhada com punho de assassina.

— Que força, segredou a nora de Ipanema, e não se sabia se estava escandalizada ou agradavelmente surpreendida. Estava um pouco horrorizada.

— Há um ano atrás ela ainda era capaz de subir essas escadas com mais fôlego do que eu, disse Zilda amarga.

Dada a primeira talhada, como se a primeira pá de terra tivesse sido lançada, todos se aproximaram de prato na mão, insinuando-se em fingidas acotoveladas de animação, cada um para a sua pazinha.

Em breve as fatias eram distribuídas pelos pratinhos, num silêncio cheio de rebuliço. As crianças pequenas, com a boca escondida pela mesa e os olhos ao nível desta, acompanhavam a distribuição com muda intensidade. As passas rolavam do bolo entre farelos secos. As crianças angustiadas viam se desperdiçarem as passas, acompanhavam atentas a queda.

E quando foram ver, não é que a aniversariante já estava devorando o seu último bocado?

E por assim dizer a festa estava terminada.

Cordélia olhava ausente para todos, sorria.

— Já lhe disse: hoje não se fala em negócios! respondeu José radiante.— Está certo, está certo! recolheu-se Manoel conciliador sem olhar a esposa que não o desfitava. Está certo, tentou Manoel sorrir e uma contração passou-lhe rápido pelos músculos da cara.

— Hoje é dia da mãe! disse José.

Na cabeceira da mesa, a toalha manchada de coca-cola, o bolo desabado, ela era a mãe. A aniversariante piscou.

Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. Rodrigo, o neto de sete anos, era o único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada. Cadê Rodrigo? Rodrigo com olhar sonolento e entumescido naquela cabecinha ardente, confusa. Aquele seria um homem. Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão.

— Mamãe! gritou mortificada a dona da casa. Que é isso, mamãe! gritou ela passada de vergonha, e não queria sequer olhar os outros, sabia que os desgraçados se entreolhavam vitoriosos como se coubesse a ela dar educação à velha, e não faltaria muito para dizerem que ela já não dava mais banho na mãe, jamais compreenderiam o sacrifício que ela fazia. — Mamãe, que é isso! — disse baixo, angustiada. — A senhora nunca fez isso! — acrescentou alto para que todos ouvissem, queria se agregar ao espanto dos outros, quando o galo cantar pela terceira vez renegarás tua mãe. Mas seu enorme vexame suavizou-se quando ela percebeu que eles abanavam a cabeça como se estivessem de acordo que a velha não passava agora de uma criança.

— Ultimamente ela deu pra cuspir, terminou então confessando contrita para todos.

Todos olharam a aniversariante, compungidos, respeitosos, em silêncio.

Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Os meninos, embora crescidos — provavelmente já além dos cinquenta anos, que sei eu! — os meninos ainda conservavam os traços bonitinhos. Mas que mulheres haviam escolhido! E que mulheres os netos — ainda mais fracos e mais azedos — haviam escolhido. Todas

vaidosas e de pernas finas, com aqueles colares falsificados de mulher que na hora não agüenta a mão, aquelas mulherezinhas que casavam mal os filhos, que não sabiam pôr uma criada em seu lugar, e todas elas com as orelhas cheias de brincos — nenhum, nenhum de ouro! A raiva a sufocava.

— Me dá um copo de vinho! disse. O silêncio se fez de súbito, cada um com o copo imobilizado na mão.

— Vovozinha, não vai lhe fazer mal? insinuou cautelosa a neta roliça e baixinha.

— Que vovozinha que nada! explodiu amarga a aniversariante. — Que o diabo vos carregue, corja de maricas, cornos e vagabundas! me dá um copo de vinho, Dorothy! — ordenou.

Dorothy não sabia o que fazer, olhou para todos em pedido cômico de socorro. Mas, como máscaras isentas e inapeláveis, de súbito nenhum rosto se manifestava, A festa interrompida, os sanduíches mordidos na mão, algum pedaço que estava na boca a sobrar seco, inchando tão fora de hora a bochecha. Todos tinham ficado cegos, surdos e mudos, com croquetes na mão. E olhavam impassíveis.

Desamparada, divertida, Dorothy deu o vinho: astuciosamente apenas dois dedos no copo. Inexpressivos, preparados, todos esperaram pela tempestade.

Não só a aniversariante não explodiu com a miséria de vinho que Dorothy lhe dera como não mexeu no copo.

Seu olhar estava fixo, silencioso. Como se nada tivesse acontecido.

Todos se entreolharam polidos, sorrindo cegamente, abstratos como se um cachorro tivesse feito pipi na sala. Com estoicismo, recomeçaram as vozes e risadas. A nora de Olaria, que tivera o seu primeiro momento uníssono com os outros quando a tragédia vitoriosamente parecia prestes a se desencadear, teve que retornar sozinha à sua severidade, sem ao menos o apoio dos três filhos que agora se misturavam traidoramente com os outros. De sua cadeira reclusa, ela analisava crítica aqueles vestidos sem nenhum modelo, sem um drapeado, a mania que tinham de usar vestido preto com colar de pérolas, o que não era moda coisa nenhuma, não passava era de economia. Examinando distante os sanduíches que quase não tinham levado manteiga. Ela não se servira de nada, de nada!

Só comera uma coisa de cada, para experimentar.

E por assim dizer, de novo a festa estava terminada.

As pessoas ficaram sentadas benevolentes. Algumas com a atenção voltada para dentro de si, à espera de alguma coisa a dizer. Outras vazias e expectantes, com um sorriso amável, o estômago cheio daquelas porcarias que não alimentavam mas

tiravam a fome. As crianças, já incontroláveis, gritavam cheias de vigor. Umas já estavam de cara imunda; as outras, menores, já molhadas; a tarde caía rapidamente. E Cordélia, Cordélia olhava ausente, com um sorriso estonteado, suportando sozinha o seu segredo. Que é que ela tem? alguém perguntou com uma curiosidade negligente, indicando-a de longe com a cabeça, mas também não responderam. Acenderam o resto das luzes para precipitar a tranquilidade da noite, as crianças começavam a brigar. Mas as luzes eram mais pálidas que a tensão pálida da tarde. E o crepúsculo de Copacabana, sem ceder, no entanto se alargava cada vez mais e penetrava pelas janelas como um peso.

— Tenho que ir, disse perturbada uma das noras levantando-se e sacudindo os farelos da saia. Vários se ergueram sorrindo.

A aniversariante recebeu um beijo cauteloso de cada um como se sua pele tão infamiliar fosse uma armadilha. E, impassível, piscando, recebeu aquelas palavras propositadamente atropeladas que lhe diziam tentando dar um final arranco de efusão ao que não era mais senão passado: a noite já viera quase totalmente. A luz da sala parecia então mais amarela e mais rica, as pessoas envelhecidas. As crianças já estavam histéricas.

— Será que ela pensa que o bolo substitui o jantar, indagava-se a velha nas suas profundezas.

Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena. Cordélia olhou-a espantada. O punho mudo e severo sobre a mesa dizia para a infeliz nora que sem remédio amava talvez pela última vez: É preciso que se saiba. É preciso que se saiba. Que a vida é curta. Que a vida é curta.

Porém nenhuma vez mais repetiu. Porque a verdade era um relance. Cordélia olhou-a estarrecida. E, para nunca mais, nenhuma vez repetiu — enquanto Rodrigo, o neto da aniversariante, puxava a mão daquela mãe culpada, perplexa e desesperada que mais uma vez olhou para trás implorando à velhice ainda um sinal de que uma mulher deve, num ímpeto dilacerante, enfim agarrar a sua derradeira chance e viver. Mais uma vez Cordélia quis olhar.

Mas a esse novo olhar — a aniversariante era uma velha à cabeceira da mesa.

Passara o relance. E arrastada pela mão paciente e insistente de Rodrigo a nora seguiu-o espantada.

— Nem todos têm o privilégio e o orgulho de se reunirem em torno da mãe, pigarreou José lembrando-se de que Jonga é quem fazia os discursos.— Da mãe, vírgula! riu baixo a sobrinha, e a prima mais lenta riu sem achar graça.

— Nós temos, disse Manoel acabrunhado sem mais olhar para a esposa. Nós temos esse grande privilégio — disse distraído enxugando a palma úmida das mãos.

Mas não era nada disso, apenas o mal-estar da despedida, nunca se sabendo ao certo o que dizer, José esperando de si mesmo com perseverança e confiança a próxima frase do discurso. Que não vinha. Que não vinha. Que não vinha. Os outros aguardavam. Como Jonga fazia falta nessas horas — José enxugou a testa com o lenço — como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara, e isso dera a Jonga tanta segurança. E quando ele morrera, a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. Esquecera-o talvez. Mas não esquecera aquele mesmo olhar firme e direto com que desde sempre olhara os outros filhos, fazendo-os sempre desviar os olhos. Amor de mãe era duro de suportar: José enxugou a testa, heróico, risonho.

E de repente veio a frase:

— Até o ano que vem! disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! Até o ano que vem, hein?, repetiu com receio de não ser compreendido.

Olhou-a, orgulhoso da artimanha da velha que espertamente sempre vivia mais um ano.

— No ano que vem nos veremos diante do bolo aceso! esclareceu melhor o filho Manoel, aperfeiçoando o espírito do sócio. Até o ano que vem, mamãe! e diante do bolo aceso! disse ele bem explicado, perto de seu ouvido, enquanto olhava obsequioso para José. E a velha de súbito cacarejou um riso frouxo, compreendendo a alusão. Então ela abriu a boca e disse:

— Pois é.

Estimulado pela coisa ter dado tão inesperadamente certo, José gritou-lhe emocionado, grato, com os olhos úmidos:

— No ano que vem nos veremos, mamãe!

— Não sou surda! disse a aniversariante rude, acarinhada.

Os filhos se olharam rindo, vexados, felizes. A coisa tinha dado certo.

As crianças foram saindo alegres, com o apetite estragado. A nora de Olaria deu um cascudo de vingança no filho alegre demais e já sem gravata. As escadas



eram difíceis, escuras, incrível insistir em morar num prediozinho que seria fatalmente demolido mais dia menos dia, e na ação de despejo Zilda ainda ia dar trabalho e querer empurrar a velha para as noras — pisado o último degrau, com alívio os convidados se encontraram na tranqüilidade fresca da rua. Era noite, sim. Com o seu primeiro arrepio.

Adeus, até outro dia, precisamos nos ver. Apareçam, disseram rapidamente. Alguns conseguiram olhar nos olhos dos outros com uma cordialidade sem receio. Alguns abotoavam os casacos das crianças, olhando o céu à procura de um sinal do tempo. Todos sentindo obscuramente que na despedida se poderia talvez, agora sem perigo de compromisso, ser bom e dizer aquela palavra a mais — que palavra? eles não sabiam propriamente, e olhavam-se sorrindo, mudos. Era um instante que pedia para ser vivo. Mas que era morto. Começaram a se separar, andando meio de costas, sem saber como se desligar dos parentes sem brusquidão.

— Até o ano que vem! repetiu José a indireta feliz, acenando a mão com vigor efusivo, os cabelos ralos e brancos esvoaçavam. Ele estava era gordo, pensaram, precisava tomar cuidado com o coração. Até o ano que vem! gritou José eloqüente e grande, e sua altura parecia desmoronável. Mas as pessoas já afastadas não sabiam se deviam rir alto para ele ouvir ou se bastaria sorrir mesmo no escuro. Além de alguns pensarem que felizmente havia mais do que uma brincadeira na indireta e que só no próximo ano seriam obrigados a se encontrar diante do bolo aceso; enquanto que outros, já mais no escuro da rua, pensavam se a velha resistiria mais um ano ao nervoso e à impaciência de Zilda, mas eles sinceramente nada podiam fazer a respeito: "Pelo menos noventa anos", pensou melancólica a nora de Ipanema. "Para completar uma data bonita", pensou sonhadora. Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério.